

Sarney partilhará decisões

WALTER SOTOMAYOR

O presidente José Sarney está disposto a adotar medidas conjuntas com o presidente eleito para enfrentar a crise econômica do País, mas não antecipará a posse do seu sucessor, porque isso seria violentar a própria Constituição, o Congresso e a ele próprio, disse ontem o secretário privado Augusto Marzagão em entrevista a um grupo de correspondentes estrangeiros em Brasília. "Uma vez proclamado o presidente eleito, as portas do Governo estão abertas para conversar e algumas medidas poderão ser tomadas, se houver consenso, entre o Presidente da República e o presidente eleito, para ajudá-lo a ganhar tempo", disse Marzagão, lembrando que eventuais entendimentos precisarão ser negociados também com o Congresso Nacional.

Marzagão informou que o presidente Sarney está escrevendo um romance e que pretende terminá-lo uma vez concluído seu mandato, tarefa que executará no Maranhão. Disse que Sarney está presidindo as eleições como magistrado e não participa do processo eleitoral, esperando que a sua atuação no pleito sirva como exemplo para seus sucessores.

O funcionário ocupa há quatro meses uma sala do terceiro andar do Palácio do Planalto, ao lado do gabinete do Presidente, e ali permanecerá até 15 de março, data em que provavelmente voltará como disse "a trabalhar em espanhol para ganhar em inglês", como representante do grupo mexicano Televisa, em Londres. Numa conversa franca com nove correspondentes estrangeiros fez uma análise do momento político

ARQUIVO



Marzagão: os candidatos não falam o que o povo quer ouvir

e lamentou a inexistência de candidatos com carisma e programas. "Nenhum candidato fez ainda o discurso que o povo quer ouvir", acrescentou.

Disse que o principal desafio do novo presidente será a diminuição das enormes diferenças existentes entre os 148 milhões de brasileiros. "Há um Brasil de 80 milhões que vivem em grande pobreza e um Brasil que tem uma renda per capita comparável à européia (entre 7.000 e 8.000 dólares)", disse. Mas, na hora de

vencer esse desafio o Brasil sai de um período autoritário "órfão de líderes e sem partidos políticos". Observou que esse desafio foi colocado também para o presidente Sarney que fez várias tentativas, mas teve que optar entre a adoção de remédios amargos ou fazer a transição.

"Sarney administrou isso com um talento fantástico e contou com a compreensão das Forças Armadas que souberam resistir aos grupos interessados em impedir o restabelecimento das liberdades plenas", disse Marzagão.

Agora, o Brasil, com o novo Governo, terá que preparar-se para modernidade, o que supõe uma reformulação partidária após as eleições. Segundo o assessor presidencial "só o exercício democrático e a busca de consenso político poderão tirar o País do pessimismo. O Brasil está mergulhado no pessimismo e grupos poderosos especulam multiplicando as suas fortunas".

Qualificou como muito grave a situação do País e verificou a existência de um sentimento generalizado na população destinado a punir alguém. Por isso, adiantou, "quem ganhar a eleição será depositário de muita esperança". Advertiu que o povo brasileiro não suportaria uma nova crise e poderia perder a paciência. "Basta que nas grandes cidades o cordão de miséria ocupa as praças e jardins para pedir comida", disse.

Afirmou que o Governo continua negociando um entendimento com os credores da dívida externa de 110 bilhões de dólares, mas admitiu que "os credores estão aguardando o resultado da eleição para negociar com o novo Governo com base em regras mais claras para ambas as partes".

A respeito de uma eventual vitória de candidatos de esquerda nas eleições observou que "não há motivo para preocupações", que o processo democrático tem regras estabelecidas e que o vitorioso terá que se ajustar a elas. Ironizou o desabafo de alguns empresários paulistas temerosos de uma vitória do candidato do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio da Silva, como Mário Amato, ao dizer que 800 mil empresários brasileiros (quase todos) deixariam o País. "Por isso é que as bolsas de Nova Iorque e do Japão despencaram nesse dia".